

Jean ALLOUCH, *La Scène lacanienne et son cercle magique*. Paris, Epel, 2017.

Capítulo III. Traduit du français par Adeane Delafloira.

Deixar cair as crianças

Amo as palavras “esperar” e “futuro” no silêncio do meu cérebro, mas a partir do momento em que eu as pronuncio me parece que elas perdem o sentido.
Emmanuel BOVE¹

I have never let my schooling interfere with my education.
Mark TWAIN²

Em que momento uma criança verdadeiramente nasce?
Resposta do padre: “desde o instante em que ela é concebida.”
A do pastor: “Quando ela mexe dentro do ventre materno.”
O rabino: “Quando ela sai da casa de seus pais.”

Deseja-se aqui prestar homenagem àqueles e àqueles que souberam deixar cair sua(s) criança(s). Prestar-lhes homenagem, quer dizer o que? Nada mais do que atualizar o acerto de seus gestos, o espaço deixado para a liberdade da criança.

BALIZAS

Vê-se de imediato alguns dos mal-entendidos que podem parasitar o título desse capítulo. Três casos podem indicar do que poderia se tratar nesses mal-entendidos. O primeiro foi um ato falho que em seguida na sessão um lapso veio interpretar (as ditas “formações do inconsciente” são desta forma que elas se respondem, ou seja, se interpretam uma à outra). Uma jovem mãe em análise com Lacan lhe conta a desagradável aventura que acabara de acontecer com ela: “meu bebê, lhe diz ela, caiu da mesa de refeição (manger)” _ em vez de “langer” [mesa trocador de fraldas, para bebê], vislumbra-se o quadro. Em seu ato falho, essa mãe está longe de ter “deixado cair” seu bebê no sentido que se entenderá aqui. Muito pelo contrário, ela quis colocar esse bebê à distância de sua vontade de comê-lo, ou se preferir, de sua pulsão oral. Enquanto que seu ato falho indicava o contrário de deixar cair seu bebê, ou seja, seu voto de incorporá-lo, ela abre a via para deixá-lo cair ao reportar o evento ao seu analista, sobretudo porque seu relato dá lugar a um lapso, de onde surge o contexto do ato falho.

Quem nunca teve a vontade de comer seu bebê, esse delicioso corpinho todo nu, lavado, perfumado com talco e como que temperado, o qual encontra-se ao alcance da boca? Jonathan Swift é mais preciso, podendo até chocar:

Eu conheci em Londres um Americano muito competente, o qual me revelou que um bebê sadio e bem nutrido constitui, na idade de um ano, um prato delicioso, rico em calorias e higiênico, que ele tenha sido preparado no vapor, no espeto, no forno ou na panela, e eu tenho toda razão para acreditar que ele proporciona excelentes cozidos e guisados³.

¹ Emmanuel BOVE, *Mes amis* [1924]. Talence: L'Arbreveigneur, 2015, p.107.

² Esta frase me foi ofertada por Debora Babiszenko, aluna de doutorado em Paris-VII, como eco de um trabalho que eu apresentei em 26 de janeiro de 2016 no quadro da pesquisa de mestrado dirigido por Laurie Laufer. Ela integra a observação segundo a qual um bom número de romancistas estadunidenses não passou pela universidade _ começando por Faulkner.

Comer as crianças, a proposição swiftiana retorna em Marguerite Duras, que em seu *Cahier Beige*³ (1947-1949) escrevia: “Uma criança é um fruto verde que te faz salivar”, e mais recentemente também (1987) em Anne Garreta, onde é proposto uma solução para a falta de leite nas mães e nas vacas leiteiras: “A Polônia não consegue nutrir seus bebês? Pois bem, que ela os coma⁵!” De forma contida não se diz a esse bebê, no tom de pura gulodice e rindo: “Vou comer você!”? A importância sendo colocada em MAN [MANger = comer], que ressoa em “maMAN” e que, para ser pronunciado, exige uma ampla abertura da boca. Segundo uma observação tardia de Lacan, a boca aberta e dentada de um crocodilo é o que mais aproximadamente indica o que é uma mãe.

O segundo caso é célebre. Jean-Jacques Rousseau, como se diz, deixou cair suas crianças. A indignação é particularmente mais intensa porque lhe devemos *Emílio*, o livro, como se sabe, fundador de uma nova relação com a criança e que, atualmente ainda tem uma marca significativa. Haveria um belo trabalho de monografia a fazer sobre esse pretense “abandono” e sem dúvida alguns já se dedicaram a fazê-lo. Todavia, basta abrir *As Confissões*⁶ para entender que ao confiar, com toda “segurança da alma”, sua prole à Instituição “*Enfants trouvés*”⁷, Rousseau de certa forma cuidou delas. Esse ato que não foi de forma alguma vergonhoso, sobre o qual ele conta à Diderot, à Grimm, à Madame d’Épinay e a alguns outros, ele especifica que o desempenhou ao mesmo tempo enquanto pai, enquanto cidadão e enquanto membro da República de Platão. Peço desculpas pelo pouco dito aqui a respeito. Essas crianças, Rousseau está longe de tê-las deixado cair, a expressão sendo aqui usada no seu sentido mais comum. Uma criança, como se diz, se faz e depois se educa. Não seria mais prudentes reconhecer, com Rousseau, que uma criança a achamos? Ou isso acontece, ou não se pode nunca encontrá-la, mesmo a tendo feito, cuidado, enfeitado e educado. Uma lei opera na conclusão do Rabino em detrimento do padre e do pastor (p.1): uma criança só é encontrada se foi abandonada. Uma criança só pode deixar efetivamente sua casa conjugal se seus pais a deixarem ir. Obrigada rabino, obrigada Jean-Jacques.

O terceiro caso é composto de um conjunto de criações (filmes, romance, teatro) comportando, notadamente, o filme *As crianças* de Marguerite Duras. Em oposição aos dois casos precedentes, esse último recorta essa relação com a criança que proponho indicar. Se vocês ainda não sabem, esse filme ensina que uma criança não é um “pequeno”, uma criança, muito pelo contrário, é “imensa⁸”, de uma imensidão de forma nenhuma fálica. O mesmo se passa com Erri De Luca em seu livro que oferece também uma compilação de casos em que um adulto prova que não entende nada do que lhe apresenta uma criança, precisamente pela razão de que está fora de questão deixá-la cair:

Mesmo se as palavras, por sua natureza prestativa, oferecem a luz, na realidade, elas fazem sombra, elas são os sinais traçados contra a imensidão de uma infância, qualquer que seja ela [sublinho]⁸.

As crianças de Duras deixa claramente também saber que muita gente fina, socialmente polida, não está em condição de acolher a sublevaçãoⁱⁱ de uma criança _ sobretudo sua recusa pela escola. Só os que conseguem são um inválido pensionista, o pai doente da cabeça, uma mãe pouco ancorada na vida e quase sempre habitada por um desejo de largar tudo e uma irmã acompanhando Ernesto em sua sublevação. Assim esses três sabem deixar cair Ernesto de um jeito feliz _ souberam fazer, souberam aí fazer, souberam fazê-lo.

³ Jonathan Swift, *Modeste proposition et autres textes*, traduzido do inglês por Émile Pons, Paris, Gallimard, coll. “Folio”, 2012, p.24.

⁴ Marguerite Duras, *Cahiers de la guerre et autres textes*. Edição estabelecida por Sophie Bogaert e Olivier Corpet, Paris, P.O.L./Imec, 2006, p.245.

⁵ Anne Garreta, *Pour en finir avec le genre humain*. Paris, François Bourin, p. 71-79.

⁶ Jean-Jacques Rousseau, *Oeuvres complètes I*, Paris, Ed. Seuil, 1967, p.258 sq. (igualmente p.52, lettre du 20/04/1951 à Mme de Francueil).

⁷ Os editores dos *Cahiers de guerre* (op. cit., p. 341-353) escolheram dar o título de “A infância ilimitada” à reunião de quatro textos autobiográficos consagrados por Marguerite Duras à sua infância e aos membros de sua família.

⁸ Erri De Luca, *Pas ici pas maintenant*, trad. de l’Italien para Danièle Valin, Paris, Gallimard, 2008.

Outra “criança” de Marguerite Duras, aquela *Dos dias inteiros em cima das árvores* (texto, teatro e filme), também ela um dia abandonou escola: “Os outros na escola, você em cima das árvores”, diz-se sobre ele. No entanto, diferentemente de Ernesto, não se poderia admitir que ele sublevou-se. Ela foi apenas um brinquedo da sublevação de sua mãe, do seu orgulho. Eis aqui uma ocasião de observar que vários trabalhos foram dedicados ao tema do amor maternal, ao orgulho de uma mãe, de um pai, ao passo que seu impacto sobre a criança não parece interessar muito. Nem tampouco sobre a vergonha, essa outra face do orgulho.

Thomas Bernhard se beneficiou de um acolhimento semelhante quando, também ele, se desviou da escola. Conviremos que isso não lhe trouxe prejuízo. São testemunhos disso sua obra, assim como o título do jornal *Libération* anunciando sua morte: “Thomas Bernhard não se suicidou.” E até aonde sabemos, ter colocado um termo em sua escolarização aos 14 anos de idade não atrapalhou a sensibilidade literária de Fabrice Luchini. Nem também a de Jacques Prévert, que depois de ter matado aula, deixou a escola na mesma idade. Quanto à Leonardo da Vinci, seria difícil pretender que nunca ter ido à escola prejudicou essa produtividade criativa que esteve longe de se limitar à pintura.

Escolarizar as crianças é, notadamente na França, uma *obrigação* do Estado. Todas as crianças estão submetidas a ela e os pais são punidos caso deixem seus filhos sem instrução. Quando se coloca a obrigação... a vontade passa, e com ela o prazer. Aconteceu com Borges de não ser tão original e defasado como de costume quando declarou:

Eu acredito que a expressão “leitura obrigatória” é um contrassenso; a leitura não deve ser obrigatória. Fala-se de prazer obrigatório? O prazer não é uma obrigação, é uma conquista.⁹

Que ela o saiba ou o ignore, a obrigação vai ao encontro da resistência¹⁰; aqueles que a recusam figuram entre os melhores, eles não negligenciam o que Michel Foucault, a exemplo dos Antigos, chamou de “cuidado de si”. Assim proponho aqui tornar claramente facultativa a frequência à escola¹¹. Depois de terem recusado, muitas crianças, tal como Ernesto de Duras, quiseram voltar, e desta vez por suas próprias vontades, enquanto que o Ministério da Educação Nacional faria consideráveis economias não tendo mais que pagar toda essas valentes forças armadas encarregadas de reduzir a nada a resistência das crianças à escola, da qual lamenta-se a amplitude, sem, contudo jamais conseguir resolvê-la.

Durante um tempo acreditei que essa proposição de revogar a obrigação escolar era inédita. Leitor erudito de Pasolini, Hervé Joubert-Laurencin me fez ver que eu estava enganado. Quarenta anos se passaram desde que Pasolini tornou público sua “modesta proposição” de “abolir imediatamente a escola secundária obrigatória”¹². Ela é motivada de forma distinta do acima exposto. Inicialmente, uma constatação:

⁹ Jorge Luis Borges, “Borges para millones”, entrevista à Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

¹⁰ Um problema dito de costumes obtém sua solução quando se pretende resolvê-lo fazendo apelo à lei, quando a própria lei se desvaloriza ao adotar o regime de uma polícia da linguagem e dos usos? A proibição (de fazer determinadas afirmações, de vestir-se de certa maneira), com seu verdadeiro nome de “censura”, quando é seguida, e ela o é, por vezes com má vontade, só tem como efeito colocar fora de alcance aquilo que ela acredita ter resolvido, concluído. Que freudiano ignora isso?

¹¹ Um leitor informado julgará justificadamente esta proposição. Ela o é em efeito, pois nada na França obriga os pais a conduzir seus filhos à escola; se eles têm a obrigação de os instruírem, isso pode ser feito em casa, à condição, no entanto, de declarar à Prefeitura. Não obstante, quando ignorando esta legislação, eu declarei publicamente esta proposição, ninguém ressaltou a incongruidade. Os próprios textos são portadores de ambiguidade, a qual pode ser reduzida apenas com uma leitura atenta. A Constituição de 04 de outubro de 1958 declara: “a organização de ensino público [sublinho] obrigatório, gratuito e laico em todos os graus é um dever do estado.” “Público” não se opõe ao “privado”? Quanto a ele, o código da educação atual em vigor (art. L.131 e seguintes) denomina de “obrigação escolar” a instrução obrigatória.

¹² *Corriere della sera* de 18 de outubro de 1975 (consultado online). Alberto Moravia tendo replicado, Pasolini lhe respondeu nesse mesmo jornal em 29 de outubro de 1975. Os dois artigos foram reproduzidos em Pier Paolo Pasolini, *lettres lutheriennes. Petit traité pédagogique*, traduzido do italiano por Anne

A escola obrigatória é uma escola de iniciação à vida burguesa. Ali se ensinam coisas inúteis, estúpidas, falsas, moralistas, mesmo no melhor dos casos (quer dizer quando convidamos de forma sedutora a aplicar a falsa democracia da autogestão, da descentralização, etc.: um vasto jogo de tolos).

Em seguida, a análise: Ensinar um determinado saber (por exemplo, história) só tem interesse se isso abrir para o aluno a possibilidade de uma cultura (histórica) real. “Senão as noções apodrecem: já que elas não têm futuro, elas já nascem mortas.” Estas noções mortas não são, no entanto, sem efeito, uma vez alojadas na criança. Com o consumismo e a televisão elas contribuem para substituir uma cultura proletária por aquela do pequeno burguês escravo, prisioneiro do seu “minúsculo campo do conhecimento”. Aquele que assim foi escolarizado, prossegue Pasolini, se tornará presunçoso, ou angustiado, frustrado, porque aquilo que ele terá aprendido, apenas lhe fornecerá “a consciência de sua ignorância”. Depois da constatação e da análise, eis aqui a proposição, notável no que ela se conjuga ao ato de Ernesto, ao de Bernhard, de Luchini e de muitos outros:

Um *Quartuccio* [habitante de um bairro de Roma construído pelo fascismo para alojar as famílias numerosas] sem essas abomináveis escolinhas e abandonado a suas próprias noites e as suas próprias madrugadas, poderia talvez mais facilmente descobrir seu próprio modelo de vida.

A semelhança poderá surpreender, não obstante, similar à de Pasolini, eis o que escrevia Fernand Deligny em 1984-1985:

É possível imaginar uma sociedade que mais educa mal suas crianças?

Sobre o pretexto de que ela é uma obrigação – o que, aliás, elas engolem declarando-se adeptas convencidas de competitividade e de seleção que se pregam aos quatro cantos –, ei-la preconizando a embriaguez da liberdade individual, cada um, qualquer que seja sua idade, partindo livremente à caça do mamute.

Tantos tomados como organizadores de Safaris, o turismo sendo uma das tetas do orçamento nacional.

Que os espíritos sejam para sempre ludibriados ou ao menos intoxicados, haveria uma jeito mais escancarado de se lixar?¹³

VERTICALIDADE

A fim de prolongar essas observações que ninguém julgará inoportunas, recorreremos à *Vagabondes*¹⁴, livro de edição suntuosa, testemunho do que foi não há muito tempo as “Escolas de preservação para meninas”. Com a instauração da III República, essas escolas assumiram a continuidade de lugares semelhantes, como os “Bons Pastores”, visando subtrair essas meninas do domínio católico. “Menina”, em certos contextos, designa uma desavergonhada, ou mesmo uma prostituta. De uma para outra instituição, da religiosa para a laica, o esquema permanece o mesmo, a intenção também, com exceção da salvação de Cristo. Essas garotas em perdição, vamos salvá-las. Lembraremos aqui de Émilia, a mais velha das irmãs Papin. Ela havia seguido o caminho esperado por suas educadoras católicas entrando no convento depois de sua estadia no Bom Pastor. Christine e Léa tinham

Rocchi Pullberg, Paris, points Seuil, 2000, p.197-212. O assassinato de Pasolini na praia de *Ostia* aconteceu na noite de primeiro para dois de novembro, ou seja, três dias depois da publicação do segundo artigo. *Salò* entrou em cartaz em 1975.

¹³ Fernand Deligny, *Lettres à un travailleur social*, posfácio de Pierre Macherey, Paris, L'Arachnéen, 2017, p. 80-81. Assim escrito por Deligny, o SE (ON) não é aqui um erro de impressão, mas antes um convite feito ao meu leitor de ir entender, lendo Deligny, o que quer dizer SE (ON).

¹⁴ *Vagabondes. Les écoles de préservation pour les jeunes filles*, nota do editor, Sandra Alvarez de Toledo e texto de Sophie Mendelsohn, “Meninas culpadas”, Paris, L'Arachnéen, 2015.

desejado se juntarem a ela, o que era inadmissível para Clémence, mãe delas, da qual a filha mais velha havia sido, segundo sua própria visão da coisa, raptada pelos “católicos”¹⁵.

Essas meninas... essas meninas, o que? Reconhecidas como vagabundas¹⁶ e agora internadas (diz-se atualmente “cuidadas” [em francês *prises en charge*: tomadas a cargo], como se elas fossem uma carga, e elas são mesmo, ao menos em parte, uma vez que são assim situadas) elas traçam, no entanto, seus próprios caminhos. Elas quebram, rasgam, deterioram, roubam, escrevem nas paredes, desperdiçam, juram, mostram seus traseiros, dão provas de “espíritos destrutivos”; elas se revoltam, cantam junto os hinos subversivos; elas se amam, elas dançam; elas fogem, ficam grávidas, por vezes se casam com o burguês da região junto dos quais lhes colocaram como criadas (*bonnes!* Boas!) ou como doméstica (“a ser domesticada” seria mais correto). Previu-se como reagir às suas descomposturas: encarceramento na prisão, a solitária da “Escola de preservação para meninas” as esperam, ou mesmo o chicote; ou são retiradas desse lugar de encarceramento e levadas para outro, o asilo de alienados.

Educa-se [*on élève*] uma criança; aluna [“élève”], ao designá-la assim é que ela foi inscrita em uma escola sem ter sido, em momento algum, consultada a respeito. *Uma criança cai*. Ao acabar de nascer, um bebê romano macho é colocado no chão pela parteira, depois erguido pelo seu pai que, por esse gesto ritual, o reconhece e para ser exato lhe oferece a possibilidade de cair¹⁷. A criança é pensada, alojada, tomada em uma estranha e jamais questionada verticalidade, essa que dá suas bases às operações que se tenta para com ela. “Reabilitação”, dizia-se, era supor que essas garotas estavam caídas. “Preservação” é outro termo cujo sentido se especifica ao aproximá-lo do primeiro: não somente colocar ao abrigo, proteger, salvaguardar, mas impedir uma queda _ Ève, a incorreta, assombra os espíritos, mesmo desprovidos de santidade. Sobre uma garota que acaba de ter suas primeiras regras, diz-se, no sul da Itália, que ela “caiu da escada” (*la ragazza è cadute dalle scale*). E “cair” não é nada menos do que aquilo que assombra o enigma que a Esfinge coloca para Édipo: quatro, depois dois, depois três patas, qualquer que seja as idades da vida, uma queda, aí também, deve ser evitada _ eis aqui definida a humanidade. Confirmando essa verticalidade em perigo, podemos também considerar “adestrar” ou “endireitar”. Atualmente ainda, encontra-se com facilidade uma obra do gênero *Como domesticar seu filho em cinquenta lições*.

Tratando-se dessa verticalidade, nada mais eloquente talvez, do que esse gesto de um parente lançando ao ar a criança (seu sobrinho, quando se trata de um tio solteiro) e a agarrando *in extremis* [no último momento] em seus braços antes que ela se spatife no chão. Todos dois se divertem, riem com todo entusiasmo. Outra situação, que viveram muitos pais, não é menos eloquente. Eis uma árvore, oferecendo seus galhos ao pequeno escalador. Seus pais, que não são dos mais temerosos, o deixaram se engajar na aventura. Contudo, chega o momento onde um grito atravessa: “Não! Mais alto não!” Acontece que esse grito desencadeia a queda. A criança que obedece sai frustrada da experiência inacabada. Aquela que decide subir assume o risco, cada vez maior, à medida que ela se eleva. Ela se junta assim a essa outra criança para à qual nenhuma intervenção parental vem perturbar a subida. Desta situação, no fim das contas banal, decorre outra definição. Deixar cair uma criança é não barrar a ela (não “proibi-la”) a possibilidade de cair. É em outros termos recebidos de Jean-Luc Godard deixá-la (diferente de “permitir”) *Viver sua vida* (1962, filme com doze quadros). Uma palavra de criança sela isso, indiscutível,

¹⁵ Ver Francis Dupré, A “solução” da passagem ao ato, Toulouse, Érès, 1984.

¹⁶ Pode-se visionar o indispensável olhar que porta sobre a vagabundagem *Le juge et l’assassin* (1976) de Bertrand Tavernier, com Philippe Noiret, Michel Galabru, Isabelle Huppert e Jean-Claude Brialy.

¹⁷ Emmanuelle Valette-Cagnac, “Être enfant à Rome. Le dur apprentissage de la vie civile”, Terrain, n.40, março 2003.

decidida, dita de uma forma tal que ela não reserva nenhum lugar a qualquer ajuda que pretendemos lhe oferecer: “Eu sozinho!” Não se pode fazer diferente disso quando se conquista uma liberdade.

Vagabondes expõe as dificuldades ou os impasses na reabilitação. Elevação (ou criação), preservação, reabilitação, adestramento, esses termos só têm sentido se apoiados em uma verticalidade amedrontada pela ideia de uma queda sempre possível. O problema não é somente espacial, ele é dinâmico, feito de forças opostas, de tensões, de conflitos. Uma imagem vem ilustrar esses conflitos, aquela de uma campanha antituberculose onde a loucura de Marguerite Anzieu lia uma advertência dirigida a ela por seus perseguidores, decididos a tirar dela seu filho.



Marguerite é pedóforaⁱⁱⁱ, quanto à isso semelhante à Göring do *Rei dos Álamos* de Michel Tournier¹⁸. Ela sonha com um “reino das crianças e das mulheres”, ela quer dizer esse das mulheres *portadoras de* crianças _ o parto não é o fim da portabilidade. Não obstante, essa criança assim *educada*, seu filho Didier, encontra-se tão mais exposto, ou proposto, tal como um alvo às intenções mortíferas dos perseguidores de sua mãe, portanto à sua queda. Preservá-la disso é também sobrecarregar a criança do peso dessa preservação. Acrescenta-se a isso outro componente, quando o pedóforo faz da criança o que assegura sua própria sobrevivência. Lee Edelman combateu tal empreendimento: o futuro, escrevia ele, é “coisa de criança” (*future is kid stuff*). Lançada em uma esperança, sem ao menos também aí ter sido consultada sobre isso, a criança é tomada nisso que Edelman observou como uma “cadeia de Ponzi do futurismo reprodutivo¹⁹”. É como dizer que a criança e o pedóforo se encontrarão, cedo ou tarde, na prisão, tal Bernard Madoff durante não menos que cento e cinquenta anos. Para dizer a verdade, eles já estão. Há muitas formas de encarcerar uma criança. Persistir em existir através de uma criança, e depois no filho dessa criança, e assim indefinidamente, sem que nunca se quebre a cadeia desse futurismo reprodutivo, eis o que oferece um sentido a certas vidas, ao preço de negar a morte, pelo fato mesmo de afastar a segunda morte (capítulo 2). O que adquiriu um torneado particular com a judeidade que alojou a sobrevivência do povo eleito no horizonte do futurismo reprodutivo²⁰.

Ergue-se uma criança tal como uma hóstia apresentada aos fiéis no momento da missa que chamamos de “elevação”. Pensar em termos de verticalidade é característico da proposição cristã (não somente ela, mas claramente ela). Exemplar em relação a isso, o cristianismo situou o verdadeiro futuro de cada um não aqui na

¹⁸ Michel Tournier, *Le Roi des Aulnes*, Paris, Gallimard, 1970. [a obra conta a história de um homem (general Göring do reich) que recruta meninos para torná-los nazistas com a convicção de estar protegendo-os].

¹⁹ Lee Edelman, *L'impossible Homosexuel. Huit essais de théorie queer*, préface de David Halperin, trad. do inglês (Estados Unidos) por Guy Le Gaufey, Paris, Epel, 2013, p.289.

²⁰ Ver Jacques Derrida, *Mal d'archive*, Paris, Galilée, 1995. Meu comentário “Necrologia de uma ciência judia” foi publicado em *L'Unebêvue*, n.6, primavera, 1995.

terra, mas em um além. “Glória à Deus *ao mais alto* dos céus.” A verdadeira vida não é aqui embaixo, mas nessa cristalização do futuro, nesse futuro elevado ao mais extremo grau de presença e denominado além, que os cristãos tomaram dos judeus, que por sua vez tomaram dos Iranianos²¹. Quando, no século II, começou-se a considerar a ressurreição não mais somente do povo, mas individual, duas palavras gregas serviram: *egerein*, “acordar” e *anistanai*, “levantar”²². A confluência delas fala por si: só está verdadeiramente acordado, asseguramos, esse crente reerguido por Aquele que se levantou da sua sepultura, dando assim as costas a Sua segunda morte (capítulo 2).

A análise corta essa verticalidade, ela deita o analisante, ela abandona o eixo vertical instaurando a horizontalidade. Para além dessa cama que Lacan, médico, dizia ser o lugar eleito da clínica, outra coisa é então convocada, pois a sepultura não o é menos _ raríssimas são as culturas onde os cadáveres são enterrados em pé. Tudo se passa, teria dito Freud, como se uma “identidade inconsciente” tivesse dito: deitado = morto. Resta a dizer que essa horizontalidade é o inverso da elevação. O borromeano também não se interessa pela verticalidade.

Uma criança, isso cai. “Isso”, pois a criança que se educa, qualquer ideia consoladora que se faça a seu respeito, é *ipso facto* um peso, uma coisa da qual se é, por vezes, sensível ao fato de que ela parasita. Da matriz, a criança não é suscetível de cair? Finalmente, não cai dela? E do seio que a amamenta? E do berço ao qual a confinamos? E dos braços que a carrega²³? E do velocípede ou da bicicleta da qual ela faz seus primeiros usos? Tendo adquirido idade, a criança cai do domicílio familiar²⁴, depois cai apaixonada por um ou uma parceira que vai um belo dia deixá-la cair, ou que ela vai deixar cair _ e assim por diante, até que ela caia em sua cova. Aqui também, aliás, intervém a verticalidade: *tumbos* em grego designa o túmulo funerário, enquanto que o latim *tumulus* provém de *tumere*, “inflar”. No momento mesmo em que o cadáver é colocado no buraco, emprega-se a erigir uma bossa (em outro lugar uma cruz, ou uma lápide), como para melhor deixar entender, ou esperar que mesmo morto, mesmo colocado em posição deitada, o sujeito permanece tomado na verticalidade. *Homo erectus*, como se elucubrou sobre a aquisição dessa ereção! Ventre (diz-se cair grávida), seio, berço, amor, saúde (diz-se cair doente) são tantos lugares de onde se cai. Muito intensamente habitado por aquilo que Freud chamou *Hilfflosigkeit*, pode-se ser levado a querer evitar, evitar tais tombos _ assim como Elisabeth von R. impedida de se manter de pé e desta forma privada da possibilidade de cair, sintoma que Freud atribui ao desamparo (*Hilfflosigkeit*) na sua relação com sua irmã e seu cunhado. Segundo Lacan, o *Hilfflosigkeit* é esse sofrimento em que o homem “em sua relação consigo mesmo, que é sua própria morte _ mas escutemos no sentido que eu ensinei a vocês a desdobrar esse ano _ não espera ajuda de ninguém”²⁵. Não oferecer à alguém essa ajuda que ninguém poderia receber de ninguém, essa ajuda que a partir do momento que é proposta já é indesejada, eis o que quer dizer “deixar cair” no sentido em que entendemos aqui. Viver, dito de outra forma se separar, é cair. Provérbio espanhol: “um moço sem cicatrizes é como um jardim sem flores”²⁶.

²¹ Guy G. Stroumsa, *La Fin du sacrifice. Les mutations religieuses de l'Antiquité tardive*, Paris, Odile Jacob, 2005, p. 33-34. O autor observa também (p.137) que essa focalização em um além estabelece certa relação com a história, aquela da salvação integrando a história geral, e não o inverso.

²² Serge Margel, *L'invention du corps de chair*, Paris, Cerf, 2016, p.56.

²³ Lacan tendo observado que uma mãe que deixa cair dos seus braços sua criança é uma mãe castradora (no sentido da castração imaginária).

²⁴ A mensagem reportada em destaque é portadora de uma verdade: em se tratando de separação, o rabino enxerga mais justo do que o padre ou o pastor.

²⁵ Jacques Lacan, A Ética da psicanálise, sessão de 29/06/1960.

²⁶ Eu devo-o à Bernard Odier, à quem aqui eu agradeço.

DEIXAR CAIR

Outra relação com a criança é possível, fundada em outra coisa do que sua educação. Ela é também a relação instaurada com o analisante, pois, como não ignora-se sem dúvida, é sempre à criança no analisante que se dirige o analista (um traço que Conrad Stein valorizou). As crianças, digo, não se pode fazer nada de melhor com elas e por elas do que deixá-las cair.

A razão é que, como todas as pessoas, elas estão prometidas, não a um futuro mais ou menos radiante, mesmo que não haja nenhum motivo para excluir alguma esperança, desde que ela não ocupe todo o espaço da educação, mas para além da série das quedas *que as tornam vivas* (que faz delas seres que vivem morrendo), estão prometidas às suas mortes, a primeira e a segunda. Qual dos pais nunca pensou que ao dar a vida, é também à sua morte que destina-se uma criança? Blanchot:

Tudo o que dizemos [acrescento “fazemos”] tende somente a ofuscar a única afirmação: que tudo deve se apagar e que nós só nos manteremos fiéis ao velar sobre esse movimento que se apaga, ao qual algo em nós, que rejeita toda lembrança, já pertence²⁷.

A relação com a criança derrapa a partir do momento em que ela dá as costas para a segunda morte. Na ligação que instauramos com ela, inicialmente deixar cair uma criança nada mais quer dizer do que não ignorar isso, seu futuro mais assegurado. Ninguém duvida que educá-la acima desse inevitável destino, preservá-la disso, fazer com que ela não dependa disso são tantos empreendimentos ao mesmo tempo ilusórios, desajeitados e vãos, enquanto que a criança, no caso, tem uma relação com a morte de uma rara justeza. Os testemunhos não faltam, para além daqueles com os quais cada um já pode ter lidado, que seja na lembrança de tal momento preciso de sua própria infância ou em certos momentos marcantes da relação com uma criança. Um leitor de *L'Enfant éternel* não esquecerá jamais a coragem dessa menina socorrendo os pais assustados diante da possibilidade de seu desaparecimento próximo²⁸. Em seu filme *Letters Home*, Chantal Akerman expõe a réplica de uma criança de nove anos que, informada da morte de seu pai, declara imediatamente: “Eu nunca mais falarei com Deus.” O ato acompanhará o dizer; Não se poderia mostrar-se nem mais livre, nem mais determinada. Eis também, em uma cultura que não repudia a morte tanto como em outro lugar do Ocidente, esse desenho de uma menina de cinco anos, Ximena Lizbeth León Sandoval, que ela intitula *Calaca paseando* (“Esqueleto passeando”)²⁹.



Ximena Lizbeth León Sandoval (5 anos). Calaca paseando (Esqueleto passeando).

²⁷Maurice Blanchot, *L'Amitié*. Paris, Gallimard, 1971, p.326. “Tudo deve se apagar” é uma justa descrição da segunda morte. Essa proposição comporta outra interpretação do que se chama “perda de memória”, a responsabilidade sendo geralmente atribuída ao sujeito ou ao cérebro. Ela retorna aqui a esse horizonte de apagamento que intervém no presente desde que uma lembrança falha.

²⁸Philippe Forest, *L'Enfant éternel*. Paris, Gallimard, 1997.

²⁹Que seja aqui agradecido David Kershenovich que, entre outras generosidades, me ofereceu a edição de 2016 do calendário do instituto de onde essa imagem foi extraída (Oficina infantil de artes plásticas, Instituto nacional de ciências médicas e nutrição Salvador Zubirán).

Carregada, uma criança só pode responder a essa descontrolada pedoforia, da qual tenta-se aqui desenhar os contornos, sublevando-se³⁰. Se sublevar vai de encontro a ter sido elevada.

Philippe Ariès e alguns outros que o seguiram repararam que em relação à morte, o grande espanto contemporâneo no Ocidente era o da criança morta³¹. Deixa-se ir em paz à sua morte, esse pequeno Noé cuja imagem, em mil e oitocentos metros quadrados, no mês de setembro de 2017, em Paris, ocupa toda uma fachada da torre de *Montparnasse*? Seu olhar junta-se a esse outro, célebre em sua época, que foi colocado a serviço de uma campanha de recrutamento das forças armadas norte-americanas *I WANT YOU (for U.S. Army. Nearest recruiting station)*.

Existem mortos que valem mais do que outros? Supõe-se, parece crer, esquecendo assim que a morte permanece a grande equalizadora. E Edelman diz a razão disso: a criança é concebida como oferecendo “a garantia de que viveremos mesmo quando estivermos mortos³²”. Fazê-las carregar o peso desta sobrevivência imaginária, não seria uma maldade para com as crianças? Ei-las aqui encarregadas de uma questão que seus progenitores não conseguiram resolver. E então? Então... azar o deles, melhor dizendo, bem feito para eles.

Eis aqui um pouco de macro-história: que seja no ano de 2000 ou de 2002, o número de pessoas no planeta inteiro mortas pelo o que chamamos muito equivocadamente de “suicídio” é da mesma ordem de magnitude do total de mortos pela guerra e pelo crime³³.

Ano	Mortes	Guerra	Crime	total	% mortos	Suicídios	% mortos
2000	56.000.000	310.000	520.000	830.000	1,50%	815.000	1,45%
2002	57.000.000	172.000	569.000	741.000	1,30%	813.000	1,40%

Não poderemos admitir que essas 815.000 e 813.000 pessoas simplesmente quiseram sem mais nem menos colocar um termo em suas vidas. Somente a segunda morte é suscetível, não apenas de explicar melhor, mas ao menos de permitir considerar com seriedade o que está em jogo em cada um desses gestos, nem todos são subsumíveis ao conceito de passagem ao ato. O que eles dão a saber? O que eles oferecem a ser escutado? Quem, o que, na vida de cada suicida, encontra-se preservado por esse gesto?

No que concerne às crianças, o que acontece quando opera essa mesma negligência do “entre-duas-mortes” (Lacan)? Responderemos de início voltando ao pedóforo. Enquanto tal, ele é alguém que se mantém efetivamente de pé? Esclarecimento: que fica em pé *sozinho*, pois só se pode manter de pé ao se estar só. A resposta é claramente não. O pedóforo está subjetivamente pendido para esse objeto, a criança, seja quando ele a educa, priva ou a contempla, ingênua, em seu berço. E isso não cessa de impactar na criança, de afetá-la.

Só lhe resta então deixar o pedóforo, separar-se dele³⁴. Não são tão raros os casos em que o recém-nascido recusa o seio. Tal rebeldia, como se diz, pode ser reconhecida com Foucault como sendo “sem explicação”. Ela provém da liberdade de cada um. Ao qualificar assim a sublevação, Foucault tinha em mente o que Blanchot disse sobre a recusa?

³⁰ Ver aqui mesmo, a conclusão.

³¹ Isso se confirma cada dia, por exemplo, ao escutar na rádio que, dentre aqueles que um acidente ou um atentado matou, encontra-se x crianças. Porque essa contagem especial?

³² L. Edelman, *L'impossible homosexuel, op. cit.*, p.299.

³³ Yuval Noah Harari, *Sapiens. Une brève histoire de l'humanité*. Paris, Albin Michel, 2015, p.430.

³⁴ Alusão aqui ao conceito de separação.

A recusa é absoluta, categórica. Não se discute, e nem dá suas razões. Nisso em que ela é silenciosa e solitária, mesmo quando ela se afirma em público, como tem que ser³⁵.

De alguma forma, por parentesco, o sintagma “deixar cair” convoca esse *niederkommen* que Freud reconheceu operar na passagem ao ato da “Jovem homossexual” e que Lacan comentou de duas formas diferentes (1957/1963). Trata-se do mesmo “deixar cair” que esse capítulo tenta cernir os contornos? Precisamente não, o que torna sua retomada aqui suscetível de distinguir, melhor ainda, qual significação nova atribuímos a esse deixar-cair.

Tanto que nos perguntamos se não seria outra maneira ainda de deixar cair, a qual Lacan distingue em 1963 quando ele revisita o caso da Jovem Homossexual. “Esta análise, diz ele, se termina naquilo em que Freud a deixa cair³⁶.” Ela tem a idade daquelas meninas que mencionamos aqui sobre a sublevação, ela também se subleva, a ponto de se jogar do alto de uma ponte cruzando uma via férrea. Eu mostrei em outro lugar³⁷ que Freud somente a deixa cair no momento em que ela se preparava para deixá-lo cair, o Professor Freud. Recorrendo então a uma sinédoque, Lacan retoma de outra forma ainda esse gesto de Freud:

A coisa Freudiana, diz ele, bem ao final da sessão, é aquilo que Freud deixou cair, mas é ainda ela que nos conduz, a todos nós, à toda a caça depois de sua morte³⁸.

Essa observação não teria nenhum sentido se, assim denominada por Lacan e através dele tendo existência, a coisa freudiana estivesse inteiramente colocada na e sob a dependência de Freud, se ele apenas se ativesse a ele. Ela dá a ver um Lacan interessado por aquilo que tem lugar, não tanto em Freud, não tanto ali onde ele se sustenta “a coisa freudiana”, mas entre Freud e a coisa freudiana, ou entre a coisa freudiana e Freud _ o que não é mesma coisa (Lacan chega a questionar Freud se apoiando na coisa freudiana ou até a esclarecer a coisa freudiana se apoiando em Freud). Eis novamente o efeito-entre (capítulo II) e eis Lacan situado nesse círculo mágico composto por aqueles para quem se exerce o efeito-entre, dito de outra maneira, os freudianos. Essa configuração (a cena freudiana composta por Freud e pela coisa freudiana e, ao redor, um círculo mágico) permanecia despercebida no que ele apresentava como sendo seu “retorno à Freud”. Ei-lo aqui mais desenvolvido. Não se trata de uma relação de pessoa à pessoa, nem tão pouco intersubjetiva.

Inspirado em Ovídio, a cena configurada em “A coisa freudiana” mostra um Freud Acteão buscando essa verdade encarnada por Diana e cercado de discípulos “perpetuamente desviados”, enquanto que Freud tenta recolocá-los nos trilhos. Assim se apresenta, na versão de Lacan, Freud e a coisa freudiana (Diana, no caso) uma cena dando lugar a um círculo mágico, apesar de alguns não cessam de abandoná-lo. Assim se confirma que o “retorno à Freud” estava focalizado no entre, entre Freud e essa “coisa freudiana”, desde sempre assinada Lacan. “Coisa” em efeito, não é propriamente falando um conceito freudiano, apesar de Lacan ter descoberto e explorado ao seu modo *das Ding* no acervo freudiano. Colocada no plural e associada com “formas”, “Coisa” teve seu primeiro e maior pólo de interesse, saudada como tal, em um poema de 1929³⁹. E ele nunca relacionou, até onde se sabe, essas coisas das quais ele se quis como “o eterno amante” e a coisa freudiana. Não foi *das Ding* que lhe proporcionou, em 1955, seu interesse pela coisa freudiana, mas ao contrário, foi esse interesse pelas

³⁵ M. Blanchot, *L’Amitié*, op. cit., p.130.

³⁶ J. Lacan, L’Angoisse, sessão de 23/01/1963. A “caça” é uma retomada explícita do ponto de fechamento da “Coisa freudiana” (Ecrits, op. Cit., p.436).

³⁷ J. Allouch, Ombre de ton chien. Discours psychanalytique, discours lesbien, Paris, Epel, 2004. Essa obra retoma e amplia uma intervenção por ocasião do Simposium 100 Jahre Jacques Lacan, à Viena, em 09/06/2001 sob o título Passagem ao ato _ *Ans Werk! Die Herausforderung der psychose: Die Fehlbezeichnung* “passagem à l’acte”, texte, Heft 3/01, 21, Viena, Jahrgang Passagen Verlag, 2001. As observações seguintes reconduzem aquelas, mais desenvolvidas, que dizem respeito à passagem ao ato nesta obra.

³⁸ J. Lacan, L’Angoisse, sessão de 23/01/1963.

³⁹ Meu comentário sobre esse poema em J. Allouch, *Une femme sans au-delà. L’ingérence divine III*. Paris: Epel, 2014.

coisas que, dentre outras, o levou a ler *das Ding* em Freud (1959 – 1960, *A ética da psicanálise*). Em 1955, ele não havia distinguido *das Ding* em Freud. Dito de outra maneira: ele não se engajava em um puro e simples retorno à Freud; ele nunca se devotou de corpo e alma à Freud, o que lhe permitiu afirmar que “o campo no qual Freud fez a experiência ultrapassava as avenidas que ele se encarregou de nos preparar”⁴⁰; ele nunca quis ser aquele que, tal como talvez Jean Laplanche, iria querer tomar tudo em Freud, acomodar do começo ao fim suas reflexões nos passos de Freud, dito de outra maneira eternizar Freud em toda parte⁴¹. Eu observei na época, Lacan só retorna à Freud uma vez munido do ternário simbólico/imaginário/real (1953), deslizando de imediato sob os passos de Freud essa “coisa freudiana”, portanto um termo que ele inventou, como o fará em seguida muitas vezes, por exemplo, com “campo” (o dito “campo freudiano”) ou com “sujeito”. Seria preciso encontrar-se em um estado de hipnose bastante avançado (sensível até mesmo nos detratores) para não estranhar quando, como se fosse óbvio, ele convocava um “sujeito freudiano”⁴² ou evocava um “sujeito segundo Freud”. Igualmente para não atentar-se de que “coisa” (ou “ser” ou ainda os mal nomeados “pronomes”) é um indeterminado⁴³, um estatuto que não contribui ao seu charme. “Nós”, quem? “Ser”, qual⁴⁴? Coisa, o que é? Permanecemos na própria fome, sobre essa onda encantadora, enquanto que Lacan se obrigava a jogar alguns enunciados nesse furo da indeterminação sem nunca, no entanto, o preencher. Assim, ele pode dizer que “o sentido de um retorno à Freud, é um retorno no sentido de Freud”⁴⁵, uma afirmação em nada feita para durar.

Se então, como acabamos de mostrar, “Coisa” e “coisa freudiana” são dois temas de Lacan, tem-se que a dita relação de Freud com a “coisa freudiana”, reconhecida como sendo uma cena, não seria nada mais do que um fantasma de Lacan? Ele certamente nunca qualificou de fantasma seu retorno à Freud. No entanto, ater-se a este argumento de autoridade deixa o problema amplamente em aberto. O que então proíbe de conduzir a cena freudiana (Freud e sua Coisa) ao colo do fantasma, escrito por Lacan $\$ \diamond a$? Ao escrever “centenas de leituras diferentes”⁴⁶ das ligações fantasmáticas de $\$$ com a , a punção (\diamond) interina muitas relações cristalizadas, fossilizadas entre um e o outro desses dois termos – apesar de algumas variações gramaticais serem possíveis, elas permanecem circunscritas⁴⁷. O efeito-entre exerce-se de maneira muito diferente: a relação de X com a Coisa que a mobiliza permanece para sempre não assegurada, ela pode se perder (assim como Freud, segundo Lacan, deixou cair a coisa Freudiana). E sem dúvida essa abertura, essa fragilidade⁴⁸ constitui um elemento essencial para o apego de alguns ao efeito-entre, para a constituição do círculo mágico (Freud morto, a caça prossegue dita, aliás, aquela de “nós todos”). Na “coisa freudiana”, jogando com *res/rebus*, Lacan percebe as coisas como signos dessa verdade que fala (ele intitula esse parágrafo “a coisa fala por si”), depois emprestando sua voz à verdade, lança um desafio: “procurem, cachorros que se tornaram ao me escutar [...]. Agora eis vocês perdidos, eu me desminto, eu desafio vocês, eu me desloco: vocês dizem que eu me defendo”. Fragilidade: nada nunca está adquirido, senão pontualmente e provisoriamente. Ao contrário, o fantasma apresenta a solidez e a permanência de um bloco de pedra, a ponto de que alguns acreditaram ser bom imaginar que só seria possível

⁴⁰ J. Lacan, “La chose Freudienne”. *Écrits*, op. cit., p.404.

⁴¹ Exemplar em relação a isso aparece o fato de Lacan não insistir especialmente para que sua Escola ou quem quer se seja traduzisse o corpus freudiano em sua integralidade. Isso, e o que quer que se pense por outro lado do resultado, Laplanche o fez.

⁴² Uma única referência dentre muitas outras: J. Lacan, *Écrits*, op. cit., p.800.

⁴³ Ver o surpreendente artigo de Martin Rueff, “A via pronominal”, *Critique*, n. 841-842, jun – jul, 2017. Esse título já indica que os pronomes exercem-se na língua diferentemente do que tenta o impor a concepção segundo à qual eles têm lugar de nome.

⁴⁴ Resposta que deixaremos à Martin Heidegger: o ser do ente.

⁴⁵ J. Lacan, “La chose freudienne”, *Écrits*, op. cit., p.405.

⁴⁶ *Ibid.*, página 816.

⁴⁷ No seu artigo “Ein Kind Wird Geschlagen” (um criança é batida), Freud distingue três momentos deste fantasma, a saber: 1) *meu Pai bate uma criança que é a criança que eu odeio*. 2) *eu, fui batido por meu Pai*. 3) *bate-se uma criança*. Fixidez do fantasma: dois lugares ligados por um verbo.

⁴⁸ A ocasião me foi ofertada pela revista *Critique* de sublinhar a instância não somente na doutrina, mas também no exercício analítico (“fragilidades da análise”, *Critique*, “*Où est passée la psychanalyse?*”, n. 800-801, janvier-février 2014, p.19-31).

chegar ao final atravessando-o⁴⁹. Evidencia-se que ter feito da coisa freudiana uma causa (a dita “causa freudiana”) foi um erro⁵⁰. Pequeno *a* sendo o objeto causa do desejo, isso significava fazer do retorno a Freud um fantasma de Lacan.

Erroneamente, ali também, a segunda leitura lacaniana da passagem ao ato da Jovem Homossexual (1963) poderia ser dita advir de um tipo de desventura do fantasma. A primeira (1957) jogava com um equívoco significante (*niederkommen* é “deixar cair”, mas também “parir”) tomava o “deixar cair” como uma maneira de presentificar um parto. Seguiu-se que, veículo de um significante, a passagem ao Ato poderia de alguma maneira não ter sido realizada, tendo ocorrido apenas porque este significante foi simbolizado. Em contrapartida, a segunda leitura vê aí uma reação a uma situação que, tão logo realizada exige ser descartada. Uma lembrança da montagem realizada por Lacan leitor do caso publicado por Freud⁵¹: passeando com sua amiga, a jovem garota, por um infeliz azar, cruza o olhar irritado (*zornigen Blick*) do seu Pai. Lacan formula assim a razão do deixar cair que se dá em seguida:

Esse Niederkommen, diz ele então, é essencial a toda súbita colocação em relação do sujeito com o que ele é como pequeno *a*.⁵²

Exemplar então, da dita⁵³ passagem ao ato da Jovem Homossexual. Um deixar-cair intervém desde o momento em que há aí (cada palavra conta) “súbita colocação em relação do sujeito com o que ele é como pequeno *a*”. “Relação” de \mathcal{S} com *a*, não está aí um avatar do fantasma definido como tantas possíveis relações de \mathcal{S} com *a*? Uma de suas modalidades ou manifestações dentre algumas outras? Nada disso. O termo “relação”, aqui evadido, pois designa não mais certa ligação entre \mathcal{S} e *a*, mas a falta de tal ligação, uma ausência tanto percebida quanto neutralizada ao passar ao ato. Teremos lido acima: \mathcal{S} é *a*. O que Lacan dirá ainda de outra maneira: a identificação de \mathcal{S} com pequeno *a* é “absoluta”, a Jovem Homossexual “se sente definitivamente identificada e ao mesmo tempo rejeitada, ejetada fora da cena”. Ninguém nunca poderia se encontrar de maneira absoluta e definitiva identificado, quer dizer, aqui reduzido ao objeto *a*⁵⁴ (no caso, o olhar paterno).

Neste ponto é possível precisar em qual fatura está esse deixar-cair da passagem ao ato que, necessariamente, responde à “tão súbita colocação em relação do sujeito com o que ele é como pequeno *a*”. Se o gesto da Jovem Homossexual provém de uma absoluta necessidade, o gesto aqui apresentado com a afirmação “deixar cair as crianças” tem o estatuto apenas de uma possibilidade. Em oposição a essa necessidade, esse gesto se dirige à liberdade da criança (vários casos foram aqui exemplificados). A queda é aqui questão de sobrevivência do sujeito e dessa forma oferta-se à criança a possibilidade de tratar sua vida com aquilo que é a própria a vida: uma série de quedas.

É ainda um diferente deixar cair que, segundo Lacan, Freud realiza ao colocar um fim às sessões da Jovem Homossexual e desse modo deixando cair também a coisa freudiana. Esse outro deixar cair incita duas observações. Inicialmente, Freud não a deixa cair, ele propõe que ela continue sua análise com uma mulher, que

⁴⁹ Eu lanço uma maldição a essa sedutora imagem em *Psicanálise: uma erotologia de passagem*, Paris, Epel, coll. “Cahiers de L’Unebévue”, 1998.

⁵⁰ Tornada notoriamente manifesta quando Jacques Alain Miller e sua comitiva se propuseram colocar a existência da psicanálise no campo da política. Como em Strasbourg, onde a secção local da Escola da Causa milita para que não seja construído um estacionamento subterrâneo.

⁵¹ Inès Rieder e Diana Voigt, biógrafas de Sidonie, escreveram uma versão diferente da cena (ver o livro delas *Sidonie Csillag. Homosexuelle chez Freud, lesbienne dans le siècle*, trad. de l’allemand par Thomas Gindele. Paris, Epel, 2003, chapitre I).

⁵² J. Lacan, L’Angoisse, sessão de 16 de janeiro de 1963.

⁵³ Em *Ombre de ton chien* (op. cit.), estabeleci que não havia fundamento para qualificar como “passagem ao ato” esse gesto de Margarethe Csonka.

⁵⁴ Encontra-se aqui levantado um problema maior, pelo menos se considerarmos o final da análise como esse momento em que o analista é rejeitado enquanto objeto *a*. Seria ele uma exceção ao “ninguém nunca poderia” que lemos acima? “Des-ser” seria o nome daquilo que o afeta nessa rejeição?

ademais fazia supervisão com ele. Deste modo, ele restabelecia, sem sequer sabê-lo (pelo menos não se tem disso nenhum testemunho), a cena primeira, aquela que levou à passagem ao ato, a cena de um pai vigiando o que se passa entre duas mulheres. Restabelecer? Não exatamente, pois se sua proposição tivesse sido seguida, esse olhar de supervisor não poderia estar tão presente (no presente, em presença), seria um olhar à distância. É então, sobretudo uma reedição da situação anterior à passagem ao ato, que a proposição de Freud visava. As duas mulheres, assim colocadas em cena poderiam jogar com o seu olhar, mesmo que elas jamais tenham lidado frontalmente com ele. Em *A sombra de teu cão*, eu reconheci essa primeira cena que Freud tentava recompor como sendo a de um *acting-out*, condição de possibilidade, como sabemos, da passagem ao ato (ver Lacan, seminário *A Angústia*).

Se então, Freud não exatamente deixa cair sua paciente, o que faz ele? O que ele tenta fazer? Um tipo de compensação no momento em que, despeitado, decepcionado sem dúvida com o fracasso dessa análise, eventualmente irritado por ter sido enganado pela garota, ela estava prestes a deixá-lo cair. Já anteriormente, durante suas sessões com ele, quando ele lhe dizia, o que ela chamava de “uma grande porcaria judia” (o complexo de Édipo), ela respondia ativa a sua indelicadeza⁵⁵, com uma sensibilidade da qual ele não suspeitava, com um toque de desprezo e o que ele qualifica como um “tom inimitável”: “Ah! Muito interessante!”⁵⁶ Eis um ótimo contra exemplo do que aqui chamamos “deixar cair”. Deixando-o, ela exercia sua liberdade em relação ao professor e também claramente em relação a esse pai que a havia conduzido até este professor. Sua proposição de continuar a análise em outro lugar vai de encontro com essa liberdade. Ele recusa a ela e, longe de *déchariter*⁵⁷, ele próprio não se mostra livre para dirigir-se à liberdade de outrem.

DÉCHARITER

Não se saberia estimar o que traz de decisivo para o exercício analítico o neologismo “*déchariter*”⁵⁷ devido à Lacan, publicado em 1973 em *Televisão*⁵⁸. Lacan retorna à isso pouco depois, precisamente em 01 de novembro de 1974, em Roma, onde acontece o VII congresso da Escola Freudiana (intervenção intitulada “A Terceira”). Seu gesto romano vai então consistir em fazer “deslizar” [cair] as três virtudes teológicas, apoiando-se em dois jogos homofônicos: a fé [foi] encontra-se “significada” como feira (*foire*)⁵⁹, a esperança como “*laisse-spère ogné*” (Dante: *lasciate ogni speranza*) [abandonai toda esperança], enquanto que a caridade retoma o enfraquecimento das duas primeiras virtudes ao ser chamada de um “archiraté” [ultra-fracassado], “o ultra-fracassado cristão”. Ele havia visto por toda parte em Roma essas três famosas virtudes apresentadas nos muros “sob a forma de mulheres voluptuosas” e havia concluído que “diante disso, o mínimo que pode-se dizer é que, tratá-las como sintoma, não seria uma extravagância”. E depois:

⁵⁵ I. Rieder e D. Voigt, *Sidonie Csillag, op. cit.*, p.67.

⁵⁶ Sigmund Freud, “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, Trad. do alemão sob a direção de Jean Laplanche, em *Neurose, psicose e perversão*, Paris, PUF, 1973. O dia em que Freud colocou um termo a essa análise, ele lhe disse: “Você tem olhos tão espertos... Eu não gostaria de te encontrar na vida como inimiga.” Ausente do relato do caso, essa frase, ela nunca a esqueceu (I. Rieder e D. Voigt, *Sidonie Csillag, op. cit.*, p.77). Freud lhe testemunhava ter sucumbido ao seu olhar e, ao imaginar um encontro no futuro, nunca deixou de sucumbir a ele.

⁵⁷ Sortido de exemplos, ele é objeto de algumas observações na conclusão do livro J. Allouch, *L'Autre sexe*, Paris, Epel, 2015.

⁵⁸ J. Lacan, *Télévision*, Paris, Seuil, 1973.

⁵⁹ Na antevéspera, durante uma conferência de imprensa, Lacan tinha respondido a um interlocutor que lhe perguntava: “O que não é um ato de fé?” Resposta: “É isso que há de horrível, é que estamos sempre na feira.” O interlocutor: “Eu disse fé, eu não disse feira!” Lacan: “Essa é minha maneira de traduzir fé. A fé é a feira.” Dois dias depois ele retorna ao incidente: “Esse negócio, esse deslizamento da fé, a esperança e a caridade para a feira... eu disse isso porque alguém na conferência de imprensa achou que eu exagerava sobre esse assunto da fé e da feira; é um dos meus sonhos; eu tenho o direito, assim como Freud, de compartilhar com vocês meus sonhos [...]” Uma publicação, feita por Patrick Valas, reuniu muito oportunamente as quatro intervenções de Lacan em Roma (31 de outubro a 03 de novembro de 1974).

Não são maus sintomas, mas enfim isso alimenta muito bem a neurose universal, enfim... não é mesmo? Quer dizer que no final das contas, as coisas não vão tão mal e já que estamos todos submetidos ao princípio de realidade, quer dizer ao fantasma.

Definição:

O sintoma é irrupção dessa anomalia na qual consiste o gozo fálico, na medida em que aí se espalha, aí se desenvolve essa falta fundamental que eu qualifico como a não-relação sexual.

Essa falta desenvolvendo-se no sintoma “caridade” não é em nada equivalente à in-existência da relação sexual, dito de outra maneira, à ausência de desejo da relação sexual. E vê-se aqui o que está em causa no *déchariter*. Tratando-se de determinado tratamento do sintoma caridade, o “dado” não poderia ser lido como uma negação, nem descaridade como o contrário de fazer a caridade. *Déchariter* é a maneira pela qual o analista trata o ultra-fracassado, ou seja, a virtuosa (*virtueuse – tueuse!* matadora) neurose universal, ou ainda o princípio de realidade.

Déchariter: foi dita aqui como atuar com as crianças, nada mais do que deixá-las cair, quer dizer, não acolhê-las somente na dimensão da educação, sem negligenciar que, como para todos, é da queda que elas obterão o que Pascal chamava de “uma vida” _ ele a comparava tal como uma aposta, de antemão perdida.

Não seria apenas uma indicação de alguma forma negativa? O contexto no qual ele se inscreve, o deste livro, permite entrever que é possível considerar outra relação com a criança, essa que se pode ver no acolhimento que os pais de Ernesto ou ainda o avô de Thomas Bernhard ofereceram a suas recusas da escola. Eles próprios livres em relação às injunções das quais a sociedade encarrega cada um, eles se dirigiram à liberdade da criança, confirmando a manifestação, reconhecendo-a fundada. Eles não se mostraram “caridosos” no sentido em que eles não evitaram para a criança o risco corrido (e sem dúvida desconhecido, deles próprios e da criança) ao exercer sua liberdade.

ⁱ *Enfants trouvés* [Crianças achadas], instituição religiosa parisiense de acolhimento de crianças abandonadas, criada em 1638 por Vicente de Paulo.

ⁱⁱ Sublevar-se é o título da conclusão deste livro de Jean ALLOUCH, *La scène lacanienne et son cercle magique* (2017), onde faz algumas precisões sobre o termo: “Sublevação” pode tanto ser o fato de alguém ou de alguns, razão, sem dúvida, pela qual Foucault não fala nem de insurreição, nem de motim, dois termos que evocam um plural de agentes. (pp. 192-193). [...] A sublevação é *um dizer que não*, em palavras e em ato. [...] Dizer que não e liberdade são duas características da sublevação. (p.193). [...] Eu reconheço certa sublevação, à cada vez singular, no gesto daquele que recebo em análise e em relação ao qual, aí também Foucault enuncia minha posição de analista quando indica que se trata de ‘ser respeitoso quando uma singularidade subleva-se’”(p.203).

ⁱⁱⁱ Pedóforo: do grego portador de criança, aquele que carrega a criança. Em seu romance *O Rei dos Álamos* (1970), Michel Tournier a partir do poema *Erlkönig* (Rei dos Álamos) de Goethe cria o personagem Abel fascinado pela imagem do homem “carregando uma criança”, que reativa a lenda cristã do santo pedóforo encarnado por São Cristóvão, carregando o Cristo. Em seu livro *Le vent paraclét* (1977), Tournier diz: “eu acreditei forjar uma palavra nova em o *Rei dos Álamos*: pedóforo (aquele que carrega uma criança). Eu soube mais tarde que o poeta grego Méléagre de Gadara havia empregado no século I antes de Cristo a palavra πετροφόρο (pedóforo) aplicada ao vento...”.

^{iv} N. T.: *déchariter* é um neologismo de Lacan constituído pela condensação de *déchet* (dejeito) com *charité* (caridade) com a dimensão da ação contrária pela utilização do sufixo dé (des). Em *Televisão* (1973) diz: “Vamos, pois, direto ao psicanalista e sem rodeios... não se poderia melhor situá-lo objetivamente senão por aquilo que no passado se chamava: ser um santo. Um santo, durante sua vida, não impõe o respeito que por vezes o faz merecer sua auréola. [...] Um santo, para que me compreendam, não faz caridade. Antes de mais nada, ele banca o dejeito: *il décharite* [ele, desapegado de seus próprios interesses, se oferece como dejeito]. Isso para realizar o que a estrutura impõe, ou seja, permitir ao sujeito, ao sujeito do inconsciente, tomá-lo como causa de seu desejo”. (pp.32-33).